

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do Brasil-Portugal.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial;

1 DE DEZEMBRO DE 1911

N.º 309

A restauração de Portugal em 1640



D. João IV, o Restaurador — (Cópia de uma gravura da época)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de dezembro de 1911

O que a Republica tem feito e o que devia fazer. — Um golpe de vista sobre os ultimos acontecimentos.

Se se desse a hypothese singular de sermos nós os conselheiros da Republica, os seus amigos sinceros, os seus supremos defensores, nós diríamos desassombradamente á Republica: o caminho que vos convém não é o que seguís, é outro.

Todos os caminhos vão dar a Roma, responderia ella, e nós volver-lhe-íamos de prompto: assim é, mas ha os caminhos rectos

horas a lei instituida, para servir facções, individualidades, seitas e partidos, tenham o ascendente, supremo tambem, do maximo respeito á lei fundamental do Estado.

Começaríamos por dar este conselho á Republica organizada, e, a seguir, ficaríamos de atalaia, á espreita dos acontecimentos. Perplexos, cheios de anciedade, deixá-los-íamos, depois, desfilar á nossa vista, e se nesta altura da sua existencia e da sua missão, fossemos chamados a depôr, diríamos de nossa justiça, com o animo perturbado, magoado o coração, e o espirito deveras surpreendido: Não, desprestastes os nossos conselhos, errastes o caminho, transgredistes a lei, destes razão ao inimigo, cavastes um abismo no proposito, ao que parece, de nelle vos precipitardes. Quereis provas? São de sobejo, são tantas, que deixaremos passar pela malha muitos dos factos occorridos, sem exclusão d'aquelles que mereceram applausos e louvores de uma imprensa suspeita, que por ser só vossa, deixou de ser livre, perdendo o direito de ser imparcial.

MÓVIMENTOS DE PRÓTESTO

A greve dos moços de padeiro



A venda de pão pela guarda republicana no quartel do Carmo

(Phot. de J. Benoliel)

e os caminhos tortuosos, os que se trilhão sem receio nem obstáculos e os que são erriçados de espinhos e perigos.

E, de facto, perigos maiores que os do caminho que ella escolheu, não os lobrigamos.

Ora, se se desse a hypothese já formulada, aconselha-la-íamos a passar uma esponja por todo o periodo revolucionario, que por ser anormal pôde explicar e até justificar as maiores anormalidades. Mostrar-lhe-íamos a vantagem de se desdobrar em duas partes, de dividir em duas épocas o periodo incipiente da sua existencia nacional. Abrangeria a primeira o tempo que vae da sua proclamação até á sua constituição, e a segunda todo o que decorre depois de ter sido votada.

Desde esse momento, nós, patronos e advogados da Republica — continúa a hypothese — dir-lhe-íamos com todo o phosphoro do cerebro e todas as véras do coração: não se afastem um apice da lei constitucional que votaram para seguir sempre e fazer respeitar inalteravelmente em todos os casos, até n'aquelles em que se sacrificassem interesses proprios. Sobre a monarchia que esfrangalham fazendo-lhe a accusação suprema de rasgar a todas as

Não precisamos sahir d'esta ultima *étape* da vossa vida constitucional para encontrarmos alvo bastante, não de censuras e queixas, propriamente ditas, mas de desillusões amargas, e de profundas mágoas. Basta-nos passar em revista os ultimos acontecimentos, tão fecundos em consequencias funestas, sendo a mais funesta de todas a que resulta de levar a todos os espiritos a convicção de que é uma mentira a lei.

E perguntar-vos-íamos, não para nos esclarecermos, porque a verdade brilha, e não precisa de luz artificial e falsa: porque é que no caso Batalha Reis transgredistes e sophismastes a lei, tão clara e irreductivel quando diz: «Os vencimentos dos empregados diplomaticos e consulares começam a contar-se do dia em que partiram para o seu destino.»

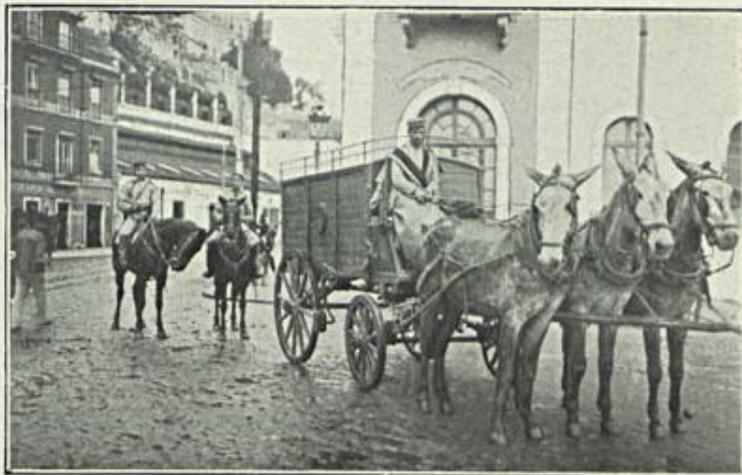
Se nesse funcionario do Estado taes condições de intelligencia, de trabalho e de excepcional competencia se reuniam, que não eram bastante remuneração os honorarios que a Lei lhe facultava, porque não fôstes ao parlamento pedir para elle uma remuneração excepcional condigna dos seus serviços ao Estado? E qual seria, em condições taes, o parlamento que a recusasse?

Deu-se a grêve dos padeiros. Medidas de ordem publica foram, porque não podiam deixar de ser, de prompto adoptadas. Entre ellas, a que avultou, a principal, foi um desacato á Lei. Era indispensavel, urgente, insubstituivel e inadiavel? Supponhâmos que sim. Foi aquella em virtude da qual se isentou de pagamento de direitos a entrada de pão em Lisboa. Pois n'esse caso ainda, tal devia ser o respeito á Lei, que a obrigação do ministro do interior era justificar, perante o parlamento, na primeira sessão que se effectuasse, a necessidade d'esse recurso extremo, d'essa *salus populi* e pedir-lhe um *bill* de indemnidade por ter ultrapassado a Lei. Recusar-lh'o-iam porventura?

Dezenas, centenas, talvez, de presos politicos estão ha mezes nas fortalezas e nos carceres, sujeitos a martyrios incalculaveis, sem terem sequer culpa formada. Porque é que se rasgou a Lei que marca o prazo para a formação da culpa, findo o qual, não pode, sem ella, continuar a clausura? N'esta hypothese, a barbaridade illegal não agrava por ventura o atropello da Lei, ferindo o sentimento e, por conseguinte, creando a animadversão?

Dá-se, por fim, o famoso caso das chinezas. Deperados de longos annos, alguns de sempre, teem um raio de esperança. De todos os pontos da provincia, de todos os pontos da cidade, accorrem cegos a uma residencia modesta, onde, de subito, se encarna a Esperança em duas simples mulheres, onde um clarão surge, onde apparece uma expectativa de felicidade e redempção. A favor d'ellas abrem-se campanhas, formam-se legiões, organisam-se em massa protestos populares contra a orientação das auctoridades que querem expulsar as duas chinezas. Ao chefe do Estado, ao parlamento, ao governo, ao chefe do districto, dirigem-se multidões compactas, que pedem, em nome de milhares de desgraçados, que se agarram, como naufragos, á

se atropella, enganando os desgraçados, aos quaes sorria uma esperança, e ordenando que uma grossa força policial invadissee, de noite, a horas illegaes, um domicilio, para arrancar de lá, e conduzir para fóra do paiz, as duas chinezas.



A grêve dos moços de padeiro

Um dos carros da administração militar fazendo a distribuição do pão guardado pela cavallaria

Aqui a inhabilidade publica agrava a transgressão de uma lei capital. Não considerar clinicas as duas mulheres para não as integrar na lei que prohibe a clinica sem diploma nacional, seria a habilidade de momento, de que os politicos revelaram carencia absoluta. Bastaria attentar, para pô-la em acção, que ha por ahi aos centos massagistas, curandeiros, dentistas, bruxas e feiticeiros, que exercem a sua industria, sem com elles se metterem nem a lei nem as auctoridades, e que a acção d'elles pode ser therapeutica-



A grêve dos moços de padeiro

Um padeiro fazendo a distribuição sob a protecção da policia



A grêve dos moços de padeiro

O distico affixado nos quartéis da guarda republica prevenindo o publico de que alli se vendia pão

(Phot. de J. Benoit)

unica taboa de salvação que se lhes depara, a conservação, em Lisboa, por alguns dias, das duas creaturas, que para elles vem, não do Oriente, mas do Céu, comprehendendo pela primeira vez porque é que se chama celeste imperio a essa China longinqua.

Ha a Lei, gritam de toda a parte á multidão, já enorme; esperem, diz-lhe o chefe do Estado; isso não é conosco, responde o parlamento; o ministro do interior encolhe os hombros, e em nome de uma lei, outra lei superior, a lei basilar da Constituição,

mente bem mais pernicioso que as das mulheres chinezas, porque a d'estas não se effectua senão sobre órgãos condemnados, que já

1640

A proposito da restauração de Portugal

A historia portugueza regista hoje um dos seus factos mais gloriosos — a revolução de 1640. Commemora-lo é mais do que um direito, é um dever civico que a todos se impõe, muito principalmente nos tempos que vão correndo, tão cheios de odios e, o que é peor, de descrença.

O velho Portugal, que em 1580 cahiu em poder dos hespanhoes, depois de ferida a batalha de Alcantara, ás portas de Lisboa, entre as hostes aguerridas e disciplinadas do duque d'Alba e os quatro mil heroicos maltrapilhos commandados pelo prior do Crato, tinha de facto morrido no dia 4 de agosto de 1578, nos campos de Alcacer Kibir, n'esses campos d'Africa que os portuguezes regaram com o seu sangue e onde hoje as outras nações da Europa se dão o espectáculo d'uma ganancia mercantil que nem mesmo pretende disfarçar-se, fundamentando-se em direitos, que mais nos pertencem a nós do que a ellas.

Morrera o velho Portugal como tinha vivido, n'uma aventura louca mas heroica, que hoje se censura porque foi mal succedida, mas cujos efeitos constituiriam a maior gloria do nosso paiz se, como esteve para succeder, a victoria mais uma vez se tivesse inclinado em favor das armas portuguezas. Tudo se perdeu n'essa memoravel batalha — o sangue mais generoso do povo, os representantes mais illustres da nobreza e até esse ultimo rei cavalleiro que foi D. Sebastião, sobre cujo mysterioso destino se originou essa poetica lenda do *sebastianismo* que, de 1578 a 1640, veio sempre alimentando o fogo sagrado do amor patrio dos portuguezes.

Assim, perdidos os principaes elementos da sua vitalidade, invadidos quasi todos os lares pelo luto e pelo desanimo, a nação caminhou apressadamente para a perda da sua independencia, que em 1580 veio a consumir-se, e que durou até ao dia 1.º de Dezembro de 1640, pondo-

lhe termo um grupo de quarenta portuguezes, entre os quaes se



A greve dos moços de padreiro

A fabricação de pão na Manutenção Militar ao Beato

nada teem a perder. Se, por possivel falta de cuidado na desinfecção, algum perigo resultaria, dissipá-lo-ia a presença official de um medico, e por esta forma conciliar-se-ia o interesse politico com o respeito á Lei. Exerceu-se ao contrario uma insolita violencia, e com uma lamentavel falta de previsão, deu-se origem aos acontecimentos do dia 26, que ensanguentaram Lisboa, que abriram scisão profunda entre a população da cidade e a guarda republicana, com consequencias futuras que não é difficil calcular, e que provocaram gritos subversivos da multidão contra o governo e, peor do que isto, contra as instituições feitas e exaltadas por aquelles mesmos que nessas horas as verberavam.

Foram agitadores, politicos que aproveitaram para os seus fins a corrente popular. Foram inimigos da sociedade e inimigos das instituições, isto é foram anarchistas e monarchicos, que provocaram os tumultos sangrentos d'esse dia, que põe uma mancha negra na historia de um regimem. E' esta a declaração que fez o governo, a seguir, em nota officiosa.

E, continuando sempre a primeira hypothese, a de conselheiro da Republica, eu vos diria, neste momento, não com mágoa, mas com irritação: se assim é, a uma inhabilidade vindes juntar uma inhabilidade maior, pondo as duas em lamentavel relevo. Porque não vistes então a força popular da corrente que de todos os lados engrossava? Porque não a eliminastes? Porque permitistis que tomassem conta d'ella os agitadores, que dizeis conhecer! Porque não previstes o perigo? Porque não evitastes as scenas dolorosas e tragicas, que se desenrolaram em Lisboa? Porque não impedistes que corresse o sangue pelas ruas, e que entrasse em muitos corações o luto e em tantos lares a dôr e a miseria? Conheceis esses agitadores? Então porque os não prendestes?

Eis o que eu diria e exprobaria fazendo a recopilação dos acontecimentos que nos ultimos dias se teem desenrolado, e de defensor e patrono, que era da Republica até ahi, transformar-me-ia em nome da logica, da lei e do patriotismo, em seu accusador supremo, reconhecendo com tristeza que de todas as crises que a flagellam, de todos os deficits que a exgotam, o maior, o mais pavoroso, é o dos homens de bom senso, para vêr, e de geito, para governar.

JAYME VICTOR.



A greve dos moços de padreiro

No Quartel General — O official de serviço assistindo á distribuição do pão da Manutenção Militar

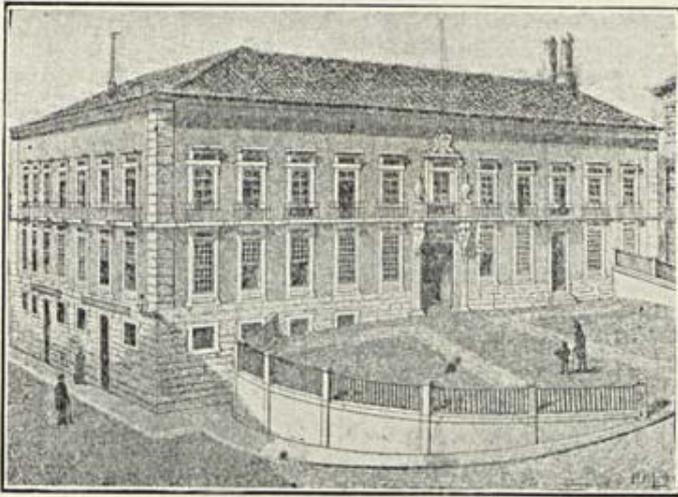


A greve dos moços de padreiro

Soldados distribuindo pão em taboleiros

contavam Sanches de Baena, João Pinto Ribeiro, o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, D. Antonio Tello, Pedro de Mendonça, Jorge de Mello, D. Miguel de Almeida, o padre Nicolau da Maia e D. Antão Vaz de Almada, em cujo palacio se reuniam os conjurados, e do qual é descendente o sr. D. Miguel Vaz de

A proposito da restauração de Portugal em 1640



O antigo palacio dos condes de Almada, onde os conjurados se reuniam, hoje séde do quartel general

Almada, o honrado fidalgo que é hoje um dos chefes do partido legitimista portuguez.

E' este feito heroico e patriótico, logo seguido d'uma guerra que durou 28 annos, entre o nosso paiz e a Hespanha, durante a qual os exercitos castelhanos, commandados pelos seus melhores generaes, tentaram em vão restabelecer entre nós o dominio hes-

panhol, perdendo, pelo contrario e successivamente, as batalhas de Montijo, das linhas d'Elvas, do Ameixial, de Castello Rodrigo e Montes Claros, que hoje se commemora. São estes milagres d'um povo que então sabia ter fé e que cuidava mais de si e da patria do que, como hoje, dos outros e da politica, que convém recordar, não como manifestação de odio á nação visinha, mas como exemplos de civismo que devem estar sempre presentes no animo de todos.

E' certo que ha ainda hoje quem lamente que o dia 1.º de Dezembro de 1640 interrompesse a união iberica. Taes pessoas ou nenhum amor sentem pela sua patria ou são espiritos descrentes que já não acreditam na salvação do paiz.

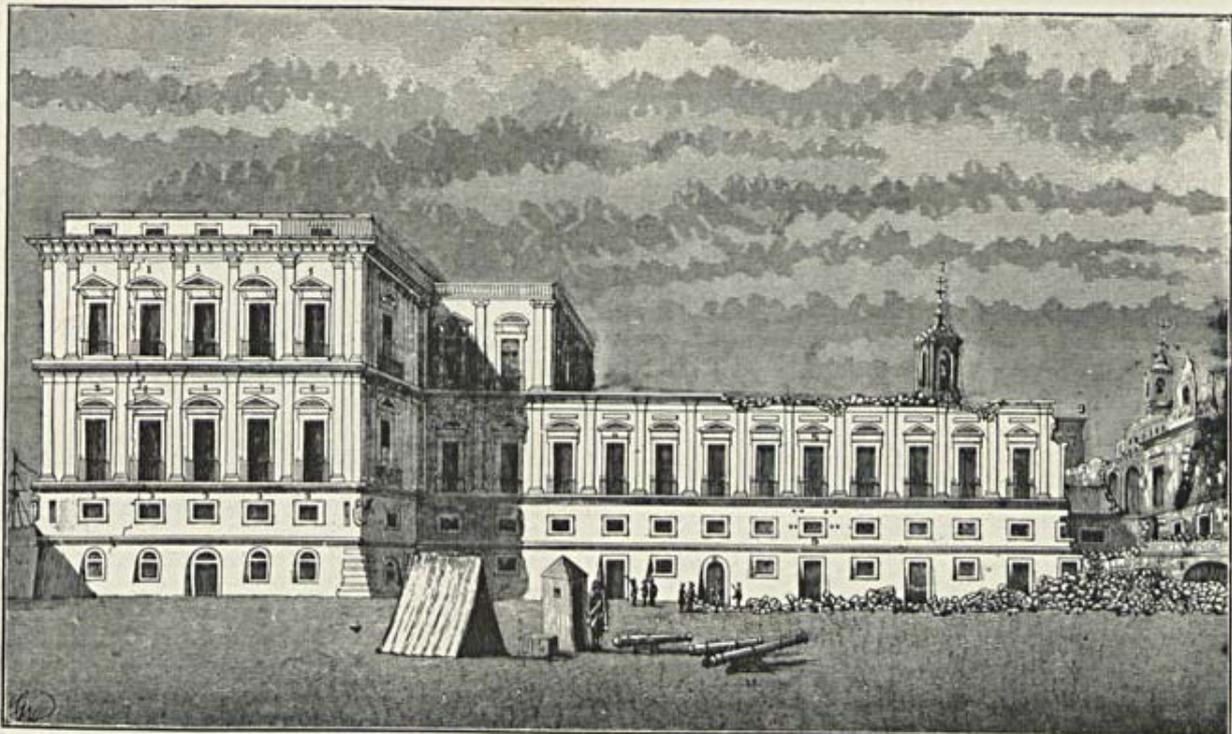
Não, em 1640 não se cometteu um erro politico; um erro seria a chamada união iberica porque contra ella militam razões de toda a especie. Com tal união nada lucraria Portugal nem a civilisação, que muitas conquistas tem alcançado, graças ao estímulo existente entre as duas nações. De resto, o que em 1580 se realisou não foi bem uma união. A phrase de Philippe II quando dizia, referindo-se a Portugal: — *herdeio-o, conquistei-o e, para tirar duvidas, comprei-o* — é bastante clara a tal respeito e dispensa todas as discussões tendentes a demonstrar que o povo que descobriu a India e escreveu os Luziadas não podia succumbir assim, deixando na historia a nota abandalhada d'um povo de vendidos.

Não, ponhamos de parte desanimos e recordemos 1640 como um incitamento a novas conquistas de liberdade, não como ella se entende presentemente, mas como ella se interpretava no passado.

Havia então mais fé e havia mais patriotismo porque havia menos politica. O povo cuidava de si e dos seus interesses e, limitando as suas vistas a *tão pequeno ideal*, bem servia a patria, que afinal só pôde ser boa e gloriosa quando todos n'ella vivam bem, sem dependencias que aviltam nem movimentos de colera que prejudicam.

Administrando os seus municipios e deixando a outros os encargos da alta administração do estado, o povo tinha então uma noção mais nitida das suas liberdades e das suas regalias, das quaes era zeloso defensor, cumprindo tambem com fanatismo todos os seus deveres patrióticos.

E assim, não falando ainda em democracia nem em socialismo.



A proposito da restauração de Portugal em 1640 — O antigo Paço da Ribeira, segundo uma gravura da época

No torreão, á esquerda: 1. Sala que servia para os embaixadores; 2. Bibliotheca; 3. Quarto do Marquez de Abrantes. No corpo central: 4. Janella por onde os conjurados lançaram á rua o corpo de Miguel de Vasconcellos; 5. Janella onde se armava a tribuna regia para as festividades publicas; 6. Porta da Casa da India; 7. Torre do Relogio. A' direita: 8. Arco que conduzia ao Terreiro do Paço; 9. Palacio do conde da Ribeira; 10. Torres da freguezia de Nossa Senhora dos Martyres.

mas tendo maiores e melhores noções de educação cívica, o povo afirmava a sua vitalidade, dava-se ao respeito e sabia ao mesmo tempo respeitar. Não odiava o clero nem a nobreza, mas também lhes não admittia, como testemunham tantos factos da nossa historia, qualquer acto attentatorio das suas regalias. Foi d'esta liberdade bem entendida e bem executada, d'este civismo que não tinha por base o odio a Deus, aos ricos e aos poderosos, que resultou a longa série de factos brilhantes esmaltando as paginas da nossa historia que hoje nos aponta a gloriosa data do 1.º de Dezembro de 1640.

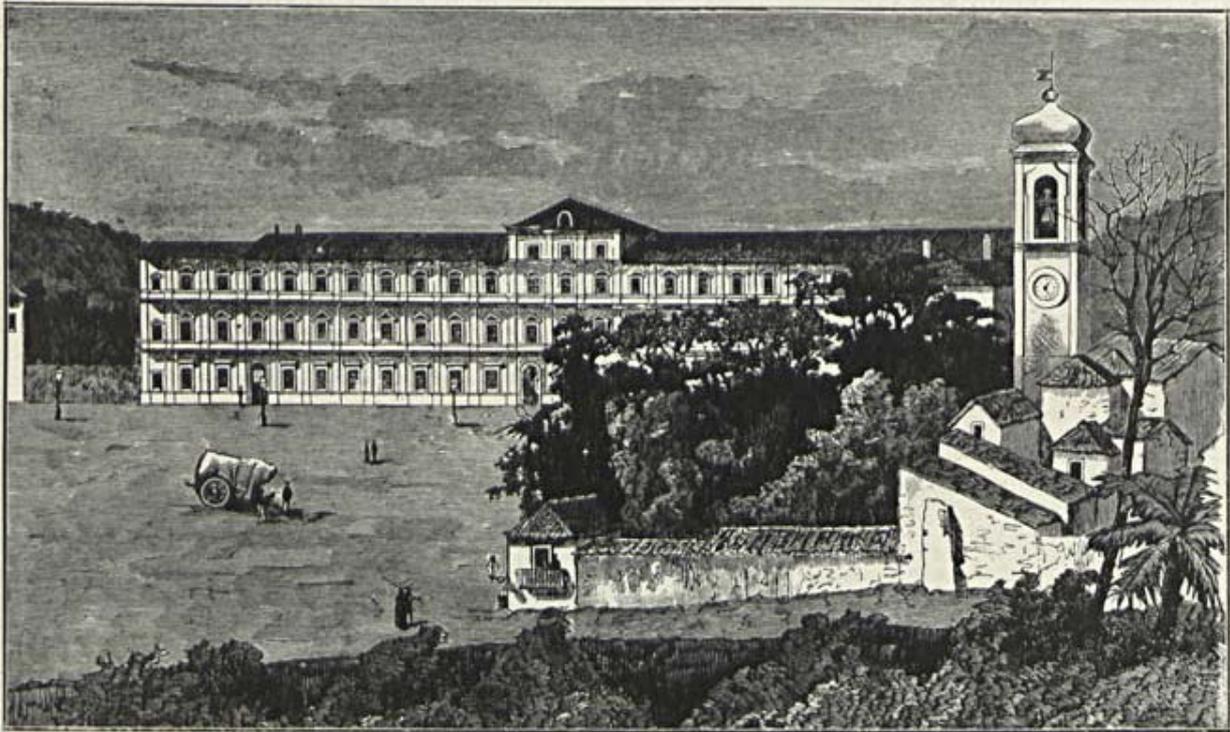
Festeja-la é portanto um dever, não para nos envaidecermos de feitos que já não somos capazes de praticar, mas para procurar nelles o incentivo que nos leve á pratica de virtudes como as que possuíam os nossos antepassados, fazendo reentrar este pobre paiz no caminho glorioso d'onde foi desviado pelo uso e pelo abuso da politica.

Nada ha mais facil de conseguir, afinal. Basta que o povo cuide

A VICTORIA DE MONTES CLARDS

I

A guerra, em que se empenharam os portuguezes para reconquistar a sua independencia, foi um arrojo immensamente grande do amor da patria e da liberdade. E tambem offereceu á posteridade, como lição salutar, um exemplo sublime do que podem o valor, a coragem e a constancia de um povo, que quer ser livre. Essa lucta gigantesca por elles travada, quasi inermes, com a monarchia, ainda poderosa, de D. Filippe IV, de Castella, apresentou em o longo periodo da sua duração, diversas crises de crueis incertezas, e momentos solemnes de temerosos perigos. Essas terriveis vicissitudes, nas quaes esteve por vezes pendente de um tenue fio, a causa da independencia



A proposito da restauração de Portugal em 1640 — O Paço de Villa Viçosa, antiga residencia dos duques de Bragança

a sério dos seus interesses, reconhecendo que pratica um erro quando deixa de ter fé em Deus para ir afinal adorar idolos que mais tarde se vê na necessidade de querer apeiar, recebendo como lenitivo da miseria que o desorienta a repressão sanguinolenta que o deprime. Escusa assim de reconhecer a verdade do velho dictado:

Quem semeia ventos colhe tempestades!

JULIO NUNES DE FREITAS.

PENSAMENTOS

Nunca se deve escrever a proposito de ninguem o que se não ousaria dizer-lhe em rosto.

S. LUCAS.

O goso perenne da felicidade pela familia era, para os homens da geração quasi extincta, um doce prazer patriarchal, puro e simples.

A. PIMENTEL.

de Portugal, acompanharam até ao fim aquella lucta descommunal.

II

Eram passados 25 annos depois que Lisboa, ébria d'alegria e d'entusiasmo, acclamára por seu legitimo soberano o 8.º duque de Bragança, com o nome de D. João IV.

Estava entrado, pois, o anno de 1665, e com elle entrára tambem em todos os corações a esperanza fagueira de que viria em breve a paz coroar os heroicos esforços da nação, recompensar-lhe os penosissimos sacrificios, e cicatrizar-lhe as feridas abertas por tão porfiada guerra.

As victorias do Montijo, das linhas d'Elvas, do Ameixial e de Castello Rodrigo, tão assignaladas para as armas portuguezas, e de tão grandes perdas para a Hespanha, davam justo fundamento áquella esperanza. E ainda mais a auctorisavam o tratado da alliança celebrado com a Inglaterra por occasião do consorcio do rei Carlos II com a infanta D. Catharina, filha d'el-rei D. João IV, o estado valetudinario d'el-rei D. Philippe IV, que o impellia rapidamente para a sepultura, e emfim as intrigas, que agitavam a sua córte, enfranquecendo a acção do governo.

Porém o destino ainda não tinha feito soar para o nosso paiz a ultima hora das provações, que mais podem affligir uma nação, amante da sua autonomia.

Resolvera o governo de Madrid na primavera de 1665, fazer um novo esforço para que as quinas de Portugal tornassem a or-

namentar o escudo dos leões de Castella. Mas ao mesmo tempo que a Hespanha preparava o seu exercito invasor, e que este transpunha as nossas fronteiras, as discordias, que rebentaram em Lisboa, desde que D. Afonso VI se apoderára violentamente do poder, que sua mãe, a rainha regente, conservava em suas mãos, tinha tomado tão grande vulto e tal encarniçamento entre as principaes personagens da cõrte, que, ao seu embate, enfranquecia-se de dia para dia o principio da auctoridade, não obstante a firmeza e energia do Conde de Castello Melhor, o habil estadista a quem estavam confiadas as reedeas da governança. E as paixões, que tu-

de artilheria e dois morteiros. Porém o que tornava esta força verdadeiramente respeitavel e temivel, era, mais do que o numero, a qualidade das tropas, pois que tinham sido tiradas, pela maior parte, d'entre as mais disciplinadas e aguerridas, que se tinham distinguido nas recentes guerras da França e da Italia, e traziam por commandante em chefe D. Luiz de Benevides Carrilho e Toledo, marquez de Barracena, o bravo general, a quem tinham dado o epitheto de *Marte Hespanhol*, em razão dos muitos loiros que lhe enramavam a frente.

O exercito portuguez constava de quinze mil homens de in-

A entrega das credenciaes do ministro de França



O sr. ministro de França e o seu secretario sahindo do Palacio de Belem

(Phot. de J. Bonollet)

multuavam nas regiões do poder, incutiam no povo o desalento e o receio, nos soldados a desconfiança e o desanimo, e nos generaes o desgosto e a perplexidade. Emfim, em vez da união, que gera a força, actuavam por todo o reino os maleficos effeitos da desunião, que convertem a força em fraqueza.

Foi n'estas tristes circumstancias, que no dia 17 de junho de 1665 se apresentaram os exercitos de Portugal e de Castella em frente um do outro nas planicies de Montes-Claros, entre Estremoz e Villa Viçosa.

Compunha-se o exercito castelhano de quize mil homens de infantaria, de sete mil e seiscentos de cavallaria, de quatorze peças

infanteria, cinco mil e quinhentos de cavallaria e vinte peças de artilheria, sob o commando de D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva, o heroe das linhas de Elvas, tendo por immediato o mestre de campo, general conde de Schomberg.

III

Começou a batalha pelas oito horas da manhã, pelejando os dois exercitos com igual energia e valor. O inimigo, valendo-se da superioridade da sua cavallaria, por vezes rompeu a linha da vanguarda portugueza, levando a confusão e desordem ao centro das

O caso das chinezas



O caso das chinezas — As duas filhas do Celeste Imperio que estiveram hospedadas n'um hotel da rua da Padaria, dedicando-se ao tratamento de doenças d'olhos.

(Phot. de J. Bonollet)

suas fileiras. Mas logo, por um supremo esforço de coragem e de valor, eram repellidos os castelhanos, restabelecida a ordem e a disciplina, e effectuada a offensiva com admiravel firmeza e intrepidez.

Ao cabo de sete horas de porfioso combate, o anjo da victoria

coroava de loiros as quinas de Portugal. O marquez de Carracena, acompanhado do duque de Ossuna e de Alexandre Farnaise, irmão do duque de Parma, fugia precipitadamente para Jerumenha e d'alli para Badajoz. E do exercito do seu commando ficaram no campo de batalha mais de quatro mil mortos, e em poder do vencedor mais de seis mil prisioneiros, tres mil e quinhentos cavallos, quatorze peças de artilheria e dois morteiros, oitenta e seis bandeiras de infantaria, dezoito estandartes de cavallaria, os timbales do marquez de Carracena e do principe de Parma, e immenso espolio de armas, instrumentos de guerra, petrechos e bagagens.

Entre os numerosos officiaes prisioneiros contavam-se o general de cavallaria D. Diogo Corrêa, o conde de S. Martin e D. Gaspar de Ilaro, filho do conde de Castrillo, genro do marquez de Carracena e valido d'el-rei D. Philippe IV, o qual falleceu em Extremoz poucos dias depois, em resultado dos graves ferimentos, que recebera.

Passado pouco tempo mandava o governo de Lisboa erguer no logar da batalha o padrão de marmore, destinado a perpetuar a memoria d'este feito glorioso das armas portuguezas, com o nome de victoria de Montes-Claros.

J. DE VILHENA BARBOSA.

VELHINHOS

E vai fugindo o tempo. E, aos poucos, vem chegando,
Ai, vem chegando a idade em que eu serei velhinho...
Sopra o vento lá fóra as arvores curvando,
E, em busca de outro lar, deserta o passarinhô.

— Ai que frio!... — eu murmuro. E cheia de carinho,
Tu te chegas pr'a mim, as minhas mãos tomando,
— Ai que frio, meu Deus!... — torno a dizer baixinho,
Do teu collo moreno as rugas contemplando.

E a lamparina estala e, tremula, esmorece...
Lá fóra, o temporal, bramindo, recrudescce...
E solta, finalmente, os ultimos arrancos...

E á luz crepuscular que te sombreia os traços,
Tenho assomos de moço: aperto-te em meus braços
E beijo, apaixonado... os teus cabellos brancos.

MENDES MARTINS.



O caso das chinezas — A multidão á porta do ministerio do Interior pedindo que ás chinezas fosse concedida licença para exercer o seu mister

(Phot. de A. C. Lima)

Batalha de Castello Rodrigo

(6 de julho de 1664)

PARECE que a Providencia ou a fortuna vigiavam constantemente por este pequeno paiz, que tantos serviços prestára á humanidade, e com tão heroica energia defendera sempre a sua independencia.

Quando em o 1.º de dezembro de 1640 souo o grito de li-

tro e o conselho do Estado resolvem que se emprehenda alguma acção importante, para desagrar o desaire de Arronches, Jerumenha, Ouguella e Olivença, que o inimigo possuia. O marquez de Marialva toma Valencia de Alcantara; Mayorga e Arronches são-lhe abandonadas, sem que D. João de Austria lhe possa oppór resistencia.

O duque de Ossuna, um dos mais energicos e activos generaes hespanhoes, e que commandava na nossa fronteira da Beira, com um exercito forte de sete mil infantes e dois mil cavallos, entrára por esta provincia, e viera construir um forte na aldeia do Bispo, que nos podia causar grande prejuizo. Affonso Furtado de



O caso das chinezas — No Terreiro do Paço — A commissão que foi ao parlamento, vendo-se ao centro uma mulher curada pelas chinezas
(Phot. de A. C. Lino)

berdade, a Hespanha não poude apresentar em campanha forças capazes de suffocarem esse grito. Em pequenas escaramuças se passam os primeiros quatro annos, até que um general portuguez, Mathias de Albuquerque, vae no interior da propria Hespanha colher os louros da primeira victoria, que fórma o élo inicial da cadeia que se virá ligando até Montes Claros.

As frouxezas da Hespanha respondem as de Portugal nos quatro ultimos annos do governo de D. Luiza de Gusmão. Quando, porém, o governo de Hespanha, desapressado das complicações externas, respirando vingança, e seguro com o tratado dos Pyreneus, por parte da França, queria conceder a Portugal, com toda a *longanimidade* perdão da sua rebeldia, com tanto que regressasse ao estado em que se encontrava antes do 1.º de dezembro de 1640, ou então voltaria contra elle todas as forças disponiveis, succede em Portugal um movimento politico que põe as redeas do governo nas mãos de um homem de rara energia, e dos mais elevados talentos.

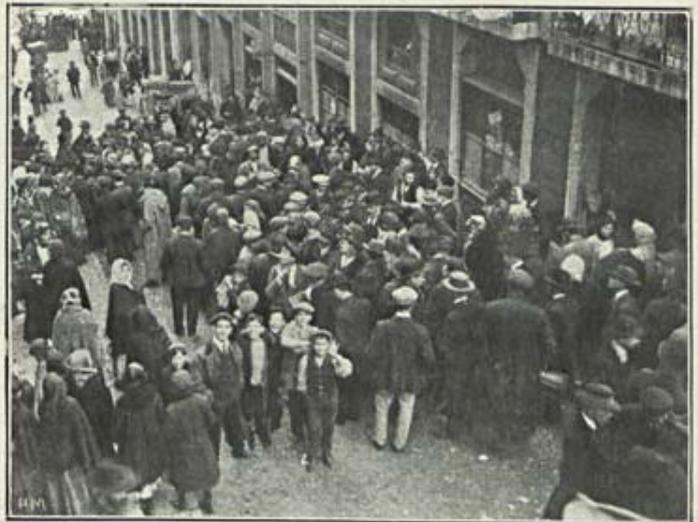
Apenas o conde de Castello Melhor sobe ao poder, organisam-se exercitos, as tropas são bem providas, pagas e municadas. Embora a Hespanha envie contra Portugal os seus mais habéis generaes, a habilidade e valor dos capitães portuguezes, correspondendo aos esforços do ministro, provarão no Ameixial, em Valencia de Alcantara, em Castello Rodrigo, em Montes Claros e ainda em outras partes, a sentença de Camões:

Se é certo que com o rei se muda o povo

embora se tenha que substituir a palavra *rei* pela de *ministro*.

Em 1663 é D. João de Austria derrotado no Ameixial e libertada Evora que lhe havia caído nas mãos. Em 1664, o minis-

Mendonça, general n'aquella provincia, por doença de Pedro Jacques de Magalhães, e que tinha um exercito de seis mil infantes, quasi todos auxiliares, e mil cavallos, ainda quiz oppór-se áquelle



O caso das chinezas
!A multidão agglomerando-se na rua da Padaria

(Phot. de J. Benoit)

designio, mas achando já o forte muito adeantado, não pode intentar coisa alguma contra o duque de Ossuna. Este, passando em escaramuças de cavallaria, foi devastando alguns logares abertos, fazendo transportar para Hespanha as presas, e destruiu a ponte do Bóa, que assegurava o abastecimento de Almeida.

Pedro Jacques de Magalhães retomára no emtanto o commando



O caso das chinezas — No Terreiro do Paço — Um grupo de doentes dos olhos

do exercito e correu logo a reconstruir a ponte, travando com os hespanhoes um comçate em Val de la Mula, cujas vantagens ficaram da nossa parte.

Mas o duque de Ossuna sempre activo, pouco tempo depois entrou de novo em Portugal com quatro mil homens e sete canhões, afim de exaurir o paiz de recursos e levar-os para Hespanha. Em revindicta, Pedro Jacques, entra em Hespanha com dois mil e novecentos homens, arrasa e incendeia a Villa de Sobradillo.

Então o duque de Ossuna intenta acção mais importante. Volta a Portugal com quatro mil homens de infantaria, setecentos cavallos e nove canhões, e apresenta-se deante da nossa villa de Castello Rodrigo, a que põe cerco. O castello que defendia a Villa era composto de fracas muralhas, não obstante a sua forte posição, e tinha para defendel-o uma guarnição de cento e cincoenta homens, commandados, porém, pelo mestre de campo Antonio Ferreira Ferrão, official dotado de muito valor e energia.

Mandou este logo aviso a Pedro Jacques, mostrando-lhe o perigo em que se achava, e começou a dirigir a defeza com todo o vigor.

Pedro Jacques não espera um momento. Com o seu pequeno exercito, sem considerar a superioridade do duque de Ossuna, não corre, vóa em auxilio do bravo governador. Com tal pressa o faz que nem sequer leva mantimentos para um dia de marcha.

A um terço de ordenanças faltou o pão, e foi mister que o mestre de campo, Manuel Ferreira Rebello, pedisse aos soldados do seu terço, que repartissem com aquelles do seu pão, o que elles fizeram com o maior prazer, contentamento e abnegação.

Dois mil e quinhentos infantes, quinhentos cavallos e dois canhões, eram as forças de Pedro Jacques, quasi metade das do duque de Ossuna, e a quarta parte da sua artilheria.

No primeiro momento, Pedro Jacques não pensára na desproporção; chegado, porém, proximo de Castello Rodrigo, reparou n'essa circumstancia e viu que não podia deixar de combater, soccorrendo-se então a um estratagem para desconcertar o inimigo.

Pedro Jacques chegou em momento oportuno; quando appareceu á vista do inimigo, que nem suspeitava de tal soccorro, acabava o duque de Ossuna de ser repellido pela brava guarnição de Castello Rodrigo, do assalto com que pretendera tomar o forte.

Os soldados do duque começavam a repousar do combate d'essa manhã; Pedro Jacques apparece de repente como um turhilhão,

A sua cavallaria, commandada por D. Antonio Maldonado, entermeiada com algumas mangas de mosqueteiros, cae sobre o inimigo levantando um estrondo infernal de clarins, atabales e tambores. Foi só por este terrivel estrondo que o duque de Ossuna teve noticia da chegada das forças portuguezas. Sendo-lhe impossivel metter em ordem os seus soldados, e suppondo que sobre elle vi-nham as forças do conde de S. João e de Affonso Furtado que voltavam da expugnação de Valencia de Alcantara, apenas pôde dar ordem para a retirada.

Para proteger esse movimento, manda deitar fogo ás suas trincheiras, mas estas arderam tão rapidamente que maior confusão causaram no seu exercito. A retirada, ainda sem combate, se tornou em fuga desordenada. A cavallaria portugueza carregou com tal impeto, principalmente na passagem da ribeira d'Aguiar, que a derrota foi completissima. O morticídio foi enorme; nas mãos dos portuguezes caíram prisioneiros, um tenente-general, dois sargentos-móres, dezenove capitães, seis ajudantes, vinte e oito alferes e grande numero de soldados. Tomaram toda a artilheria que se compunha de nove peças, dois petardos e quinhentos carros de munições. A muito custo pôde escapar o duque de Ossuna, e ainda assim, disfarçado, seguido apenas por uma pequena escolta de cavallaria.

Não obstante a pouca importancia das forças empenhadas n'este combate, o seu effeito moral foi espantoso, pelo arrojo e boa direcção do ataque, e pelo completissimo desbarato das forças inimigas.

E' certo que quando se combate pela independencia da patria, a terra que pisamos, as pedras dos montes, as arvores, as plantas, tudo é em nosso auxilio; cada homem é um pequeno David, e a cada momento se confirma o dito do marquez de Pombal: — *Que um homem pôde tanto em sua casa, que ainda depois de morto são precisos quatro para o tirarem d'ella.*

J. J. DE BRITO REBELLO.

DATAS MEMORAVEIS

A 20 de julho do anno de 1415 falleceu a rainha D. Fillipa de Lencastre, mulher de el-rei D. João I. Cinco dias depois partia de Lisboa a frota que ia atacar Ceuta. Falando d'esta expedição e do modo como a rainha D. Fillipa auxiliou a sua organi-



O caso das chinezas — O comicio de protesto, junto á igreja dos Anjos, contra a expulsão das chinezas

(Phot. de J. Benoit)

sação, escreve o grande historiador Oliveira Martins: «Ninguém puzera na empreza melhor amor do que ella: mandára fazer tres espadas cravadas de pedrarias para os filhos, que em Ceuta, haviam de ser armados cavalleiros, mas o destino não lhe consentiu que visse terminada a façanha. Morreu; e ainda não se tinham acabado de arrancar das paredes do convento de Odivellas os pannos de dó do enterro, quando a armada partia».

Canção do inverno

(Ao cair das folhas)

As folhas cahem, cahem geladas
A terra nua vão já vestindo...
Cahem n'um côro, das compassadas,
As folhas cahem, cahem geladas:
E' mais um anno que vae fugindo...

Volta o inverno e o tempo agreste
Que será agora dos pobrezinhos?
Lá no telhado silva o nordeste...
Volta o inverno e o tempo agreste,
Piam as aves buscando os ninhos...

E vae uivando, vento cruel
Uivos soturnos e lamentaveis...
Gritos e queixas vão de tropel...
E vae uivando, vento cruel
A canção negra dos miseraveis...

P'ra passar fome, p'ra morrer nú
Muitos se arrastam por esse chão,
Como o destino foi negro e crú!
P'ra passar fome, p'ra morrer nú
A cova funda mais vale então...

Isso é que é tempo! Tudo é prazer!
Olha o sol d'oiro nos trigueirae...
Os pobrezinhos têm de comer,
(Isso é que é tempo! Tudo é prazer!)
E não ha gente pelos portaes...

Bailam as moças lá na devêsa,
Cantam cantigas aos namorados!
Canta a miseria, canta a pobreza...
Bailam as moças lá na devêsa,
Volta a alegria — Vá lá cuidados!

LISBOA



A praça do Rocio onde se desenrolaram os sangrentos acontecimentos de 26 de novembro

Que tempo triste, que negregado
E que dó causa vêr pedir pão!
Já anda a fome no povoado...
Que tempo triste, que negregado
O luto entra no coração...

Deus se vê tudo, porque é que deixa
Que morra gente pelos portaes?
Esses que morrem sem uma queixa,
(Deus se vê tudo, porque é que deixa?)
Não são seus filhos, como os demais?

Tu que chamaste p'la caridade,
De ti já hoje ninguém s'importa!
Hoje a igreja tem *sociedade*...
Tu que chamaste p'la caridade
E morrem pobres á tua porta!

E cahe a chuva, cahe furiosa,
Maldita sejas, ruim madrastra!
A vil pobreza — fome horrorosa,
(E cahe a chuva, cahe furiosa...)
P'ra os pobres tristes inda não basta?

Tu que és bondosa, que o sabes sér
Não é injusta tão negra sorte?
E diz-me agora como hei de eu crêr,
Tu que és bondosa, que o sabes ser,
Se Deus se esconde, só vejo a morte...?

Olho p'ra as brazas, vejo-as luzir...
Que sônhô lindo, linda visão!
Vae-te invernã, vae-te a fugir...
Olho p'ra as brazas, vejo-as luzir:
O sol me lembra, lembra-me o v'ráo!

.....
As folhas cahem, cahem geladas
A terra nua vão já vestindo...
Cahem n'um côro, das compassadas,
As folhas cahem, cahem geladas:
E' mais um anno que vae fugindo...

Novembro de 1911.

C. MARREAS.

Sparta, que no render culto á mocidade sobrelevava toda a mais Grecia, foi guiada pela legislação de Lycurgo ao respeito da velhice.

A. PIMENTEL.

A conspiração monarchica

PRESOS POLITICOS

Cinco dos quaes actualmente no presidio da Trafaria



Alexandre de Figueiredo e Mello,
Agronomo

Alexandre de Figueiredo e Mello — *Agronomo* — Preso no Algarve, onde era director de de uma Escola Agricola, e remettido para Lisboa, foi despronunciado e posto em liberdade. Vinte e quatro horas depois foi novamente preso quando seguia em automovel por uma estrada nas proximidades da fronteira algarvia.

Denunciaram-n'o como chefe do movimento revolucionario monarchico na provincia do Algarve, onde no periodo politico de João Franco se destacou como auctoridade. Acaba de ser posto em liberdade.

Dr. Camillo Castello Branco — *Advogado* — Organizador de elementos monarchicos na provincia de Traz-os-Montes, foi preso duas ve-



Dr. Camillo Castello Branco
Advogado



Fernando da Motta Cardoso
Estudante do 5.º anno de direito



Dr. Carlos Augusto Pinto Garcia
Medico e antigo deputado

Antonio da Silva Roquette — Preso em Villa Nova de Portimão, por o terem denunciado chefe de um grupo de revolucionarios monarchicos que agia na provincia do Algarve. Foi posto em liberdade ha poucos dias.

Antonio Costa — *Alferes pharmaceutico* — Um dos mais activos organizadores de grupos parochiaes monarchicos e influente franquista, durante o governo do ex-dictador.

Fernando Manoel da Motta Cardoso — *Estudante de direito* — Cursava o 5.º anno da Universidade, e era vice-presidente do Centro Academico da Democracia Christã de Coimbra, e thesoureiro da Commissão Central da organi-



Antonio Costa
Alferes pharmaceutico

zes: uma em Chaves, outra em Villa Real, sendo enviado para o Limoeiro por ordem do governo. E' filho do conselheiro José d'Azevedo Castello Branco, ministro dos estrangeiros no ultimo governo da monarchia.

Dr. Carlos Augusto Pinto Garcia — *Medico* — Ex-deputado da nação, eleito na legislatura governamental de João Franco.

Preso por ser denunciado como cumplice no movimento revolucionario contra as instituições republicanas, recolheu ao Limoeiro, onde tempo depois soffreu a reclusão de 15 dias nas prisões subterraneas (os *segredos*).



Bernardo Abranches Freire
de Figueiredo



Antonio da Silva Roquette

sação e propaganda do partido legitimista, quando foi preso em 14 de junho de 1911. E' accusado de entender-se directamente com Paiva Couceiro para um movimento revolucionario contra as instituições. Seu pae o dr. Ferreira Cardoso é conhecido pelas suas idéas religiosas. Espera na Trafaria a resolução dos seus aggravos para a Relação.

Bernardo Abranches Freire de Figueiredo — E' filho do conselheiro Abilio Abranches de Figueiredo e foi preso como organisador do grupo revolucionario de Arganil e como activo propagandista da restauração monarchica.

Fé

O ultimo livro de D. Virginia de Castro e Almeida — N'outros tempos — Evocação do passado — A Gi — Oito dias na Biselga — Os condes de Nova Góa.

«Ainda se lembra da Gi? D'aquella Gi pequena, ratona, que o Monsaraz envaidecia gabando as suas produções litterarias... aos nove annos? Lembra-se da Biselga e do serão da varanda, em Julho, a partir feijão verde para o jantar dos pobres do dia seguinte? E dos jantares na rua do Prior com o José Julio, o Arriaga, o Monsaraz e o pobre Julio Cezar Machado? E do caril?...

«Como tudo isso vae longe! Mas lembra-se?»

Eram as primeiras palavras de uma carta amabilissima datada de 9 d'este mez. Vinha do Funchal e firmava-a este nome: Virginia de Castro e Almeida.

Ao reler aquellas interrogações e o nome que as subscrevia, um mar de lembranças saudosas innundou-me o espirito. O passado revivia, resurgia a mocidade. Quantos annos decorridos, e, atravez de todos elles, quantos, quantos acontecimentos sensacionais! E' certo, é bem certo que pelos tempos adiante o nosso eu se vae transformando, vae tomando modalidades diversas a propria individualidade. Os modos de ver, os sentimentos, as idéias, modificam-se, alteram-se, como se alteram, modificam as condições physiologicas do organismo. Por isso, quando olhamos para os recuados tempos da nossa existencia, e medimos a distancia que d'elles nos separa, e confrontamos com o dia de hontem o dia de hoje, afiguram-se-nos que não obstante ser tão curta e fugitiva a pobre vida humana, mediam seculos entre esses marcos extremos, e factos outr'ora vulgares e comeseinhos chegam a tomar na imaginação evocativa aspectos de phantasmagoria, fórmas de lenda, tão variadas, tão diferentes são as circumstancias em que se produziram e aquellas em que os recordamos.

Ao espirito cançado, á sensibilidade, hoje quasi indifferente, á força de ser por tantos factos e tão intensamente vibrada, surge, como que passado n'uma era prehistorica, tudo o que essas interrogações evocam, parecendo moverem-se em brumas longinquas as figuras que lá assomam.

Destaco entre ellas José Julio Rodrigues e Julio Cesar Machado. A esses levou-os a morte em condições tragicas, mas o que ella não conseguiu foi rouba-los á nossa saudade, nem apagar na nossa memoria magoada o traço que nella imprimiram para sempre essas duas figuras de lenda. O espirito vivo e scintillante do pobre Julio Machado, a sua arte suprema de conversador, que parece ter acabado com elle em terra portugueza, não se submergiram de todo no sangue do suicida, porque os seus olhos, que falavam, ainda brilham aos nossos olhos, fixa-se ainda na nossa retina a expressão da sua phisionomia original, que traduzia, num rictus tão seu, as observações e os pensamentos antes de que os labios os produzissem.

E esse simples e grande José Julio Rodrigues que da sua cadeira de professor insigne trazia para o convívio apenas a sciencia necessaria, precisa, para lhe realçar a conversação inimitavel, em que o espirito esfuziava e um esboço de maledicencia surgindo aqui

e além era logo attenuado por uma ponta de ironia communicativa, bondosa e clemente!

Como esses oito dias, que na imaginação recuam oito seculos, encham um dos capitulos mais interessantes e vividos da minha mocidade!

O sr. conde e a sr.^a condessa de Nova Góa receberam-nos na sua formosa quinta da Biselga, a dois passos de Thomar, com uma hospitalidade verdadeiramente fidalga. Foram oito dias de encanto espirital, em que o velho amigo d'essa casa, hoje chefe do Estado, e os dois nobres espiritos que a morte apagou, e o conde de Monsaraz, o grande poeta, e aquelle que firma estas palavras, sem nesse momento se preocuparem com acontecimentos politicos, que serenamente deslisavam, davam curso á phantasia, commentavam o ultimo livro ou a ultima moda, como ainda não tinha aberto consulta o sr. Candido de Figueiredo, faziam conjecturas etymologicas sobre a origem do nome da quinta, examinavam nos canteiros do jardim, com olhos de artistas, os primeiros rebentos, e artes, litteraturas, sciencias, passavam a galope pelas janellas da sua critica, em geral menos mordaz do que benevola.

Esse lar exemplarissimo, de uma das mais nobres familias portuguezas, enchia-o um perfume da infancia. Illuminavam-n'o duas auroras. Duas creanças tornavam, por assim dizer, mais intimo, mais affectivo, o convívio dos hospedes da Biselga. Eram os filhos dos condes de Nova Góa. D. Luiz de Castro, pelas suas observações judiciosas, pelos seus ápartes a proposito, pelos seus ditos cheios de conceito, deixava adivinhar que havia ali o embryão de *alguem*. E esse *alguem*, que tão nobremente, pela vida adiante, marcava uma individualidade, annos depois era um publicista emerito, um professor de cunho, e um dos ministros que melhor serviram o seu paiz.

A outra aurora que no horizonte despontava, e já despedia brilho, era uma aurora feminina. Chamavamos-lhe nós todos a *Gi*, porque tão pequenina ella era que só lhe podia caber essa abreviatura minuscula. A *Gi* era a graça, o enlevo, a poesia, da nossa sociedade, minuscula tambem. Tinha todos os encantos da mulher temperados pela meiguice da creança. Falava com uma discrição, que ia além da sua idade, mas com uma graça tão singella e tão nativa, adoçada com um sorriso tão ingenuo, com um olhar tão dóce, e um gesto tão desartificiozo, que não podia ser tudo isso senão uma prerogativa exclusiva da infancia. Não era ainda a mulher, e quantas vezes a agudeza dos seus ditos, a penetração das suas observações, e, não raro tambem, a nobreza dos seus actos, tinham o accentuado cunho de uma idade, em que são sempre acompanhados de responsabilidade todos os gestos e todas as palavras!

Dizer que a *Gi* não tinha velleidades era deixar de dizer a verdade inteira. Tinha as — é preciosa a sua confissão de hoje — quando o Monsaraz e nós todos enchiamos de elogios as suas primicias litterarias, contos de creança que deixavam já prevêr um talento de eleição que a idade adulta fez florir e desentranhar em fructos litterarios, de uma belleza superior e de uma fecunda utilidade social. Faziam-n'a sorrir esses louvores, mas o que a rejubilava, o que lhe enchia a alma de um encanto indissolvel era a pratica do bem, essa tarefa em que dias e noites, na varanda da quinta, em



À IMPERATRIZ (1)

Corda que estála em harpa mal tangida,
Assim te vás, oh doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De agosto e velho tronco hastea partida
E transplantada em terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio;
Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,
Do teu sepulcro vacillante cirio!

Como foste feliz! dorme o teu somno.
Mãe do povo, acabou-se o teu martyrio,
Filha de Reis, ganhaste um grande throno!

D. Pedro d'Alcantara.

(1) Versos feito pelo imperador do Brasil, D. Pedro II, por occasião do fallecimento de sua Augusta Esposa a Imperatriz.

que nós todos lhe fazíamos companhia, andava empenhada, ou a partir o feijão verde, ou a talhar e a coser os vestidinhos, com que as creanças da localidade iam celebrar a sua festa e abençoar os condes da Nova Góia, que lhes consolavam a alma e lhes abrigavam o corpo, nesse dia festivo do anno, cheios de contentamento intimo ao repartirem pelas creancinhas pobres o superfluo dos seus bens!

No exercicio destas virtudes christãs, e no brilho daquelles contos infantis, estava esboçada a mulher e a escriptora.

Mais tarde veio a esposa, a mãe, a educadora exemplar, a escriptora illustre, realçar, completar, glorificar a obra na infancia iniciada. A abreviatura do nome veio ainda cobrir as primeiras manifestações litterarias, como que para nos lembrar a nós todos que seguimos todas as phases d'esse coração e d'esse espirito, que a Gi dos primeiros livros não era senão o desdobraimento, a continuação gloriosa d'aquella Gi que nós adivinhámos, crysalida gentil trans-

THEATROS

Republica — *Um homem fatal*, peça em 3 actos de Kystemæchers, traducção de Tito Martins. *A Sonata*, peça em 1 acto de Chagas Roquette. *O Sr. Freitas*, peça em 3 actos de Chagas Roquette e Alvaro Lima. — **Gymnasio** — *A Receita do Mourisco*, comedia em 3 actos, de Leandro Navarro. — **Rua dos Condes** — *Fandango e Maxixe*, revista em 2 actos e 6 quadros, original de Penha Coutinho e Celestino da Silva, musica dos maestros Del-Negro e Altro do Mantua. — **Variedades** — *Pae Paulino*, revista em 2 actos e 8 quadros, original de Felix Bermudez, Ernesto Rodrigues e Pereira Coelho, musica dos maestros Del-Negro e Luz Junior. — **Trindade** — **Avenida** — **Colyseu dos Recreios**.

— Ora eis-nos a contas com uma peça interessantissima e de verdadeira originalidade em theatro. Apresentando-nos typos communs na vida em situações igualmente vulgares num primeiro acto cheio de bom humor, um acto de comedia ligeira, quasi deixando antever o fio completo da acção e a conducta das figuras tão nossas conhecidas, opéra-se em nós uma completa surpresa quando no segundo acto, de um effeito theatral surpreendente, a acção transmuda-se em tragica, para logo resvalar n'uma interessante scena de alta comedia, e em seguida, com uma naturalidade que só faz honra ao auctor, nos dar

THEATROS

THEATRO NACIONAL — Os 20:000 dolares



1.º Acto

(Phot. de A. C. Lima)

formada num dos mais encantadores e brilhantes espiritos femininos da nossa terra.

Quantos volumes publicados já, e — se muito ha para admirar não ha menos para agradecer — nem um só que não tenha por objectivo a educação, que não tenha por ideal um futuro melhor, amplo, aperfeiçoado! Dizer os titulos d'esses livros, firmados uns por Gi, outros por D. Virginia de Castro e Almeida, é encher de louvores uma propaganda que atravez da arte litteraria, e da belleza esthetica, orienta a educação dos filhos, a formação da infancia, o aperfeiçoamento da sociedade.

O ultimo que tenho á vista, e cujas paginas formosissimas li de um fôlego, é uma obra de arte e uma obra social. Sob a fórma de romance pode dizer-se que é a solução de um problema philosophico.

Fé é um livro em que ha fé, mas a fé que deve ser inseparavel dos espiritos cultos, fé num porvir melhorado pela educação, aformoseado pela pratica das qualidades nobres. *Fé* é um livro que, os homens de letras devem lêr, porque é um precioso escriptorio de joias artisticas, é um livro que devem lêr todas as mães, porque encerra uma lição e visa um ideal.

JAYME VICTOR.

um *frisson* de pavor, num final de acto bem lançado e como em poucas occasiões nos tem sido dado apreciar. E não se julgue que naquella miscellanea de generos, em que o auctor, parece, teve em mira mostrar-nos a sua facilidade em abordar o theatro do comico ao tragico por uma fórma igualmente brilhante, ha incoherencia; não, tudo aquillo é logico, é a vida. D'ahi o valor da peça, que, á falta de termo mais apropriado, é a mais *exquisita* que temos visto. Todos os effeitos são imprevisos; por vezes julgámos ir vêr o auctor lançar mão de um *truc* estafado; a certa altura da peça, quando o nosso interesse vai crescendo e o auctor já conquistou a nossa sympathia, chegámos a temer vê-lo cahir n'uma banalidade que vá perder o trabalho produzido; mas não, mantém de principio a fim a sua fórma excepcional, conduz o seu trabalho sempre de maneira a fazer seguir ás personagens o caminho que lhe aprouver. Se nos apetece phantasiar sobre o desfecho, nova surpresa se nos depara; e este, afinal, é de um sentimentalismo que encanta. No traço das figuras dá-se o mesmo; os caracteres mudam, na peça, como tanta vez é vulgar na vida. O caso é este: — Um rapaz de vinte sete annos, possuindo uma grande fortuna é lançado no turbilhão de Paris, numa vida de orgia e de prazer em que o seguem alguns amigos, seus exploradores. Esse homem, que espalha ouro a jorros, é dotado de um excellente coração e prompto sempre a fazer o bem, julga attenuar com o seu dinheiro as desgraças dos outros. Mas não — e aqui a pequenina parcella philosophica da peça — elle é *fatal*, o seu ouro não salva; é a desgraça onde toca, é a propria infelicidade.

O inventor de um novo dirigível pede-lhe que o ajude a pôr em pratica a sua invenção; alcança o desejado; e agora vereis um homem que até ali vivera feliz, sonhando com o seu invento unicamente entre as quatro paredes de um gabinete de trabalho, avolumando pro-

pouca tranquillidade do lar. E' a parte tragica da peça. E quando a mulher do engenheiro, por uma noite de trovoadas e chuva terrivel, em que o dirigível, emfim, ha-de dar a sua prova, vem exprobar o capitalista pelo seu procedimento, fazendo-lhe ver a ruina do seu lar,



THEATRO NACIONAL — Os 20.000 dolares — Um trecho do 2.º acto

jectos e calculos que nunca esperou tivessem possibilidade de vir a publico, tornar-se de repente nervoso e irrequieto, lançar o terror nos seus, que prevêem a cada momento um perigo, uma fatalidade; e embriagado por uma gloria provavel, em evidencia, lançado emfim, senhor de dinheiro, tem até uma amante, o que vem abalar ainda mais a já

e quem sabe se a morte do marido, aquelle inconsciente ainda, não sabendo que o seu ouro é o infortunio, responde-lhe: que ella é imerecedora da felicidade que a bafeja, pois que naquelle momento todo o Paris dirige a sua attenção para um unico homem — o marido.



THEATRO NACIONAL — Os 20.000 dolares — Outro trecho do 2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

O final do segundo acto, em que a acção attinge as culminancias do pavor, é soberbo de movimentação e de effeito: E' o momento da chegada do aeroplano; a tempestade é mais forte, a multidão mantém-se firme no seu posto e vêm até nós o rumor d'aquelle turbilhão de gente; percebe-se a aproximação do aeroplano; a inquietação advinha-se em todos os rostos; sente-se mais forte o *tic-tac* rapido do machinismo do aparelho; ha já uma esperança. De repente, gritos de terror; o ruído tremendo do desconjuntar da engrenagem; uma sombra negra em todos os rostos, e... tudo perdido.

Os casos d'este genero succedem-se, e o ricasso comprehende emfim quanto é difficil fazer a felicidade dos outros, e que nunca é o dinheiro que a póde dar.

A traducção, livre, de Tito Martins, ouve-se com agrado.

Todos os artistas que se encarregaram do desempenho foram correctissimos no seu trabalho, havendo, porém, a especialisar, Adeline Abranches, Luz Velloso, Chaby Pinheiro e Alexandre de Azevedo.

Não devemos deixar passar sem reparo o excellente trabalho de encenação de Augusto Rosa, que principalmente no segundo acto é soberbo. O final deste acto sem uma direcção intelligente e habil, pois que, vive apenas do movimento, não produziria effeito algum.

— Tivemos já depois n'este theatro duas interessantes peças

a festejal-o, não faltando as palmas, flôres, pombos brancos na sala, em summa uma animação desusada. Representou-se a *Receita do Mourisca*, de Leandro Navarro, auctor já conhecido, e que teve apenas o fito de produzir um trabalho alegre, sem preocupações de logica, e conseguindo-o.

Telmo teve n'esta peça um papel diverso do seu genero, um centro comico, cujas difficuldades venceu sem custo. Muito bem Henrique de Albuquerque no Mourisca, assim como Judith de Mello, Herminia Silva, Albertina d'Oliveira, Maria Augusta, José Soares e Tristão.

— *Fandango e Maxixe*, revista actualmente em scena no **Rua dos Condes**, é um trabalho leve, com graça, despretençioso, interessante pelo espirito, com boa musica e bem desempenhado.

Novidades... em revista, com franqueza, ha muito que não encontramos. Tudo, mais ou menos, é já visto; temperados de forma differente, é certo, mas são pratos já muito conhecidos, que o publico saboreia com vontade, e isso basta, pois cada qual come do que gosta e não seremos nós que lhe iremos a mão.

— *Pae Paulino*... tacto... que a firma é já conhecida e acreditada. A divisa da casa é servir bem o publico e ter graça. Mais uma vez isso foi cumprido, e, portanto, as nossas felicitações aos auctores e tambem á empresa do **Varietades** que deve ter peça para lavar e durar.

— Na **Trindade e Avenida** vae correndo o antigo reportorio e para breve teremos obra nova. Palmyra Bastos continúa



THEATRO NACIONAL — Os 20:000 dolares — O ultimo acto

(Phot. de A. C. Lima)

uma em um acto, — *Sonata* — de Chagas Roquette, e outra em trez actos — o *Sr. Freitas* — do mesmo senhor e de Alvaro Lima, dois comediographos já conhecidos.

Quanto á primeira é um episodio interessante com um desfecho imprevisito: um novo systema de roubar, o que ha de mais novidade, a ultima palavra na historia dos roubos, e que representa, embora inspirado n'um conto francez, conhecimentos profundos de technica theatral por parte do adaptador, pelo que o felicitamos, pois é sem duvida um bom e honesto trabalho.

O desempenho é excellente e está a cargo de Ferreira da Silva, que nos dá um typo curiosissimo, Henrique Alves, Pinto Costa, Thomaz Vieira, Lima e Sarmento.

A segunda, criticando uma personagem conhecida, excellentemente exteriorisada por Chaby e tratada com todo o relevo e verdade pelos auctores, embora a acção se baseie em assumptos conhecidos, é uma verdadeira fabrica de gargalhada e tem a novidade de nos dar typos verdadeiramente portuguezes, com phrases apropriadas e onde os ditos de espirito e situações comicas se succedem sem um desfallecimento. Peça um pouco pela phrase maliciosa mas temos visto, no genero, importação estrangeira com avaria muito mais grossa e recebida *optimamente*, o que não quer dizer que defendamos a fórma pornographica mas, em boa verdade, esta não caustica.

Devem os auctores considerar-se felizes, pois a maioria do publico gostou, e se alguma nuvem negra de má vontade lhes appareceu no horizonte, depressa se dissipará, porque é borrasca obrigada agora em todas as *premieres*. Sem favor garantimos que é peça para fazer carreira. E cá ficamos esperando a primeira.

— A noite de 23 foi de festa no **Gymnasio**: era a recita do actor Telmo, artista estimado pelo publico, e por isso elle lá acorreu

deliciando o publico na *Perichole*, *Boneca*, *Damas Viennenses*, *Amores de Principe*, etc., etc., optimamente secundada por toda a companhia. No **Avenida** José Ricardo tem tido noites a fio de triumpho na *Prinçesa dos Dollars* e *Conde de Luxemburgo*, bem como Cremilda, Armando de Vasconcellos e os demais artistas.

— O **Colyseu**, como sempre, á cunha, o que não admira pois por um preço insignificante o publico assiste a dois optimos e variados espectaculos, em que tomam parte artistas de reputação feita e dos melhores que ha no genero. A luca continua despertando interesse, sendo um dos numeros de maior sensação, bem como o celebre calculista Inaudi.

Ruy.

Animatographos

Chiado Terrasse — Grande exito as fitas *A pomba e a aguia*, com 614 metros, *Perolas que fazem chorar*, com 405 metros. E' um espectaculo interessantissimo e que recommendamos. — **Olympia** — Tem feito successo n'esta casa de espectaculos a fita *O amor de principe*, sendo as enchentes successivas. — No **Chantecler** a emocionante fita falada *Tosca* continua attrahindo o publico; é aproveitar pois que em breve será retirada. Igualmente annunciam novidades o **Salão Foz** que sempre as apresenta. **Salão da Trindade**, onde se exhibe actualmente a ultima novidade estrangeira, *O sonho negro*, com 3.000 metros, havendo todas as terças-feiras, oito estreas. No proximo numero nos referiremos mais de espaço ás novidades que para breve se annunciam nos differentes animatographos.